



CORPO-MODA E CORPO-ARQUITETURA: A MODELAGEM EXPERIMENTAL COMO PROCESSO EM REI KAWAKUBO E FRANK GEHRY^v



Henrique Grimaldi FIGUEIREDO*
Letícia de Sá NOGUEIRA**

RESUMO

A estilista japonesa Rei Kawakubo remodela o corpo ao desconstruir as formas previsíveis do vestuário feminino e masculino ocidental. O arquiteto canadense Frank Gehry também realiza uma desconstrução em suas criações, ao romper com o modelo de construção arquitetônica tradicional, promovendo uma cisão entre a forma e a funcionalidade interna dos edifícios. Kawakubo e Gehry vestem o corpo humano em dimensões distintas. A estilista propõe um invólucro escultórico que, ao mesmo tempo, protege e reconstrói o corpo. O arquiteto abriga o corpo humano em prédios de formas extremamente funcionais, por dentro, e lúdicas, esculturais, por fora. Ambos adotam a modelagem experimental como processo de sua criação original.

Palavras-chave: Arquitetura. Moda. Frank Gehry. Rei Kawakubo. Modelagem.

1 INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo estimula o diálogo entre os diferentes campos criativos, com o objetivo de encontrar respostas inovadoras e, ao mesmo tempo, mais humanas e responsáveis, aos desafios que a atualidade impõe aos profissionais. Neste sentido, todos aqueles que lidam com as questões relativas ao design de produtos (estudo de forma e função), nas mais variadas formas, são convidados a tornar maleáveis as fronteiras que ainda separam as áreas, em busca

^v Artigo recebido em 23 de março de 2015 e aprovado em 30 de junho de 2015.

* Discente do 8º período do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora CES/JF - PUC MINAS, possui formação livre em Direção de Arte pela Central Saint Martins - London College of Arts, Londres - Reino Unido. @: henriquegrimaldi@hotmail.com

** Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Assistente dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Design de Moda do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. @: leticianogueira@pucminas.cesjf.br



de interseções que possam contribuir para a construção de objetos funcionais, esteticamente estimulantes e conectados às necessidades sociais.

Neste artigo busca-se, exatamente, uma aproximação entre dois campos aparentemente diversos, isto é, moda e arquitetura, através da análise da obra de dois profissionais referenciais em suas áreas de atuação – a criadora de moda, Rei Kawakubo e o arquiteto, Frank Gehry. O objetivo é demonstrar a existência de um ponto de tangenciamento entre os seus trabalhos: um mesmo enredo no processo criativo. Há nessa inflexão a criação de produtos culturais extremamente diferentes entre si, mas que partilham de um cerne criador único, a modelagem experimental.

Para isso, primeiramente apresenta-se a estilista Rei Kawakubo, destacando-se a sua estética diferenciada, que propõe um redesign do corpo. Em seguida, aborda-se o arquiteto Frank Gehry e a sua metodologia diferenciada na confecção de maquetes, que transformam-se depois em prédios únicos pela originalidade. Por fim, o trabalho procura reunir kawakubo e Gehry por meio de seu método criativo comum, a modelagem.

2 REI KAWAKUBO: A REINVENÇÃO DO CORPO

O corpo pode ser remodelado, potencializado, reinventado. Não precisa, necessariamente, corresponder a uma expectativa cultural que determina formas específicas para cada gênero. É possível, também, propor outro tipo de beleza, questionar formas e proporções tradicionais, criar o inesperado. São essas as características que, de uma maneira geral, definem o caminho tomado pela estilista japonesa Rei Kawakubo (nascida em 1942, em Tóquio), como se pode verificar na Imagem 1. Ela própria afirma: “Eu quero ver as coisas de maneira diferente para buscar a beleza. Eu quero encontrar algo que ninguém nunca encontrou [...] Não faz sentido criar algo previsível.” (KAWAKUBO apud PALOMO-LOVINSK, 2010, p. 168)

Figura 1 - Peça da coleção apresentada por Kawakubo, em Paris, no outono de 2010.



Fonte: COMME DES GARÇONS. Disponível em: <<http://searchingforstyle.com/2010/03/comme-des-garcons-fall-winter-2010/>>. Acesso em: 19 mar. 2015.

Considerada uma das grandes estilistas conceitualistas¹ da contemporaneidade, Kawakubo encontra inspiração para o seu trabalho na cultura e filosofia de vida japonesa; em estilistas do passado, como Elsa Schiaparelli (de quem assimilou o flerte com o Surrealismo); criadores contemporâneos, como os também japoneses Yohji Yamamoto e Issey Miyake e na arquitetura. “As roupas da estilista possuem um *feeling* arquitetural, conforme ela explora a relação do corpo com a embalagem que o envolve.” (PALOMO-LOVINSK, 2010, p. 169)

A formação em filosofia, literatura e belas-artes (pela Universidade Keio, em Tóquio) certamente influenciou Kawakubo a buscar uma aproximação entre moda e arte, mas sem o abandono da funcionalidade. O fato de ter fundado a grife *Comme des Garçons*² no ano de 1969 (em Paris), pode explicar a sua atração pela faceta conceitual da criação, já que nas décadas de 1960 e 1970, o conceitualismo ganhou força no mundo ocidental. (BRAGA, 2008; CALLAN, 2007; PALOMO-LOVINSK, 2010)

Na década de 1980, Kawakubo, Yamamoto e Miyake representaram, em Paris, uma proposta estética que pode ser definida, de forma simplificada, como

¹ Os conceitualistas defendem que a criação deve estar a serviço, principalmente, das ideias. (BIRD, 2012)

² O nome da grife significa “Como garotos” (PALOMO-LOVINSK, 2010, p. 166).



“*Less is More* (Menos é Mais). Diziam em suas linguagens de moda o máximo com o mínimo possível nos cortes, nas cores e nos acabamentos em suas roupas. [...] Um visual andrógino também era característica dessa tendência” (BRAGA, 2009, p. 96).

Se, atualmente, não há dúvidas a respeito do talento e mesmo genialidade de Kawakubo como criadora, logo que surgiram suas peças provocaram grande estranhamento no público. “Seus trajes rasgados e amassados, enrolados em volta do corpo, aparentemente sem levar em conta as formas deste, foram inicialmente considerados feios e até ridículos” (CALLAN, 2007, p. 179). Não demorou muito tempo, entretanto, para que a estilista despertasse a atenção do mundo da moda e da arte com a sua proposta ousada, que tem inspiração tanto no feminismo, quanto na tradição cultural japonesa³ (PALOMO-LOVINSK, 2010).

O resultado é um trabalho que esculpe, protege, remodela e enfatiza o corpo de uma maneira peculiar.

3 FRANK GEHRY: ARQUITETURA DE MODELAR

Nome proeminente no cenário internacional, Frank Gehry consolidou-se como um dos arquitetos mais inventivos e ousados de sua geração. Filho da década de 1920, nascido canadense e posteriormente naturalizado americano, Gehry apresenta, em sua trajetória, projetos desafiadores, tanto funcionalmente, quanto formalmente. Seu desenho – sempre destoando dos padrões e tendências arquitetônicas de sua época – atua, mesmo que involuntariamente, na criação de um vocabulário arquitetônico vanguardista e iconoclasta. (STUNGO, 2001)

O período que corresponde ao final da década de 1960 e início de 1970 é marcado, em seu trabalho, pela elaboração de suas “Easy Edges”, uma linha de mobiliário cujo desenho e montagem são direcionados para o uso do papelão como matéria-prima. Esta experiência com a criação de mobiliário, em pequena escala, para uso doméstico, exigiu de Gehry um profundo estudo do papel como matéria de trabalho, desenvolvendo uma larga experiência com suas propriedades, potenciais e limitadores. Tal contato será de crucial importância para a fase posterior de sua

³ Apesar de suas experimentações inspiradas em movimentos artísticos ocidentais e das formas e proporções extravagantes de seus trajes, percebe-se também, no trabalho de Kawakubo, a presença da estética japonesa *Wabi*, relacionada a uma “beleza austera” (BIRD, 2012, P. 176).

arquitetura, onde o modelo arquitetônico, inicialmente criado em material efêmero, passível de constantes remodelações, modificações e descartes assume papel central como método de projeto. De certo modo, suas Easy Edges corresponderam ao ensaio necessário para que Gehry adquirisse confiança no material de trabalho, percebendo no descartável a possibilidade de criação de uma arquitetura depurada por constantes estudos e análises (STUNGO, 2001).

Em 1978, Gehry dedicou-se à reforma de uma casa para sua família em Santa Monica, na Califórnia. O projeto, controverso, consistia na remodelação de um bangalô existente no centro de um terreno em quadra tradicional de um subúrbio norte-americano. Gehry, ao repensar a forma de construção existente, propõe uma série de volumes angulares revestidos com materiais de uso cotidiano. Ao utilizar madeira compensada, alumínio e elos de corrente como elementos estruturais e plásticos para a composição do anexo da casa, o arquiteto discutia sobre o tradicionalismo arquitetônico, rompendo com o ideal modernista da “forma segue a função”. Na *Gehry House*, o arquiteto lançava as bases de uma estética pós-estruturalista e desconstrutivista, que desafiava os paradigmas do projeto de arquitetura. A *Gehry House* serviu como uma potente vitrine para um trabalho inovador e engenhoso, que diferenciava-se de uma linguagem arquitetônica difundida até então (STUNGO, 2001).

Alguns projetos igualmente imaginativos, como a *Loyola Law School*⁴, de 1978 e o *Vitra Design Museum*⁵, auxiliaram na consolidação do nome de Gehry, atuando como um vigoroso propulsor de seu trabalho, e permitindo-o experimentar escalas e proporções maiores. Com a escala monumental há também o ganho de um potencial escultórico, onde a forma do objeto arquitetônico encontra-se em um ponto de desconexão com o interior do edifício. O princípio corbusiano⁶ de uma fachada que responde à funcionalidade dos cômodos internos é aqui substituída por uma tensão que contrapõe interior/exterior. Tal característica acompanhará os

⁴ Universidade privada católica em Los Angeles, nos Estados Unidos.

⁵ Um dos maiores símbolos da arquitetura desconstrutivista, o Vitra Design Museum foi criado na cidade alemã de Weil am Rhein para abrigar o acervo da Vitra.

⁶ Termos referente a Le Corbusier, principal nome da arquitetura modernista. Entre os princípios corbusianos de composição podemos citar as plantas e fachadas livres, as janelas-fita, incorporação de terraços jardim e a suspensão do edifício através do uso de pilotis.



projetos de Gehry a partir da década de 1990, apresentando-se como uma assinatura particular de suas criações até o presente momento. É uma tarefa reconhecidamente árdua identificar os usos de um projeto do arquiteto apenas analisando suas fachadas e volumetrias. Com exceção da escala, não há nenhum indicador de uso, como se função e forma estivessem operando de modo incongruente. Contudo, o grande apuro técnico e a preocupação sempre presente com a vida dos edifícios garantem funcionalidade exemplar, apesar de um invólucro muitas vezes desconcertante e intimidador. Nesse sentido podemos aproximar sua produção à quarta fase projetual do arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer, a partir de 1985, onde há uma preponderância formal que norteia a criação, a grande arquitetura torna-se, na realidade, a escultura monumental. Diferentemente de Niemeyer, contudo, Gehry não abona sua responsabilidade na geração de espaços arquitetônicos de qualidade, em prol de formalismo operante, ele apenas descola forma e função, tratando-os em um primeiro momento como sistemas independentes e igualmente importantes, e que serão reconciliados constantemente no processo projetual. (LEMONIER; MIGAYROU, 2014)

O trabalho de Gehry, mesmo que predominantemente arquitetônico, já conota algumas interfaces que o aproximam do universo da moda. Em 2003, o arquiteto foi convidado pela Filarmônica de Los Angeles a criar o cenário para a ópera Don Giovanni, de Mozart, trabalho que deveria ser desenvolvido paralelamente à confecção dos figurinos, que ficaram sob responsabilidade da grife nova-iorquina Rodarte. Gehry propôs uma cenografia monocromática, onde o branco impera em uma associação direta com a paleta de cores definida pela grife. O palco é inundado por grandes estruturas de papel amassado, que visam complementar os figurinos dos personagens em atuação. É interessante destacarmos que o arquiteto mantém a mesma forma de composição de suas arquiteturas, valendo-se da modelagem experimental, realizada *in loco*, para dar vida ao cenário. Em suas incontáveis dobras de papel, Gehry propõe um Don Giovanni, que apesar de sua estética lírica e clínica, evoca drama e complexidade. (LEMONIER; MIGAYROU, 2014)

O Museu Guggenheim de Bilbao, cujo processo projetual será aqui analisado, converge em um só projeto os mais diversos aspectos da experimentação de Gehry: o rompimento conceitual entre interior/exterior, a desconstrução das formas

tradicionais, o edifício que se auto-referencia em seu processo de significação, o prédio que emerge do sítio e configura-se como escultura. Aqui, contudo, abstrairmos tais configurações para centramos nosso olhar no fascinante processo de composição formal do projeto. No Guggenheim de Bilbao vê-se a consolidação da modelagem experimental como mecanismo de projeto em Gehry, onde a experimentação formal atua como catalisadora primária, funcionando paralelamente com as demais preocupações compositivas e programáticas da construção. (STUNGO, 2001)

4 KAWAKUBO E GEHRY: A MODELAGEM COMO PROCESSO

Aproximações inter-relacionais entre as expressões materiais de um corpo-moda, individualizado em sua concepção, e de um corpo-arquitetura, que funciona como invólucro físico para esses corpos individuais, permitem um paralelo entre metodologias de criação que se mostram particularmente férteis, embora completamente experimentais: fala-se aqui das proximidades entre os processos criativos de Rei Kawakubo e Frank Gehry.

Kawakubo, desde o seu despontamento no universo da moda ocidental, configura um corpo perturbado e perturbador. Ao propor a imagética de um corpo vestido em suas diferentes potencialidades e, por vezes, afrontosas subversões, rompe com os paradigmas cartesianos que afunilam e enquadram este corpo-moda, destruindo rígidos aprisionamentos simbólicos e inaugurando uma estética transformadora nas poéticas contemporâneas.

A datar de seu primeiro desfile em Paris, em 1981, Kawakubo projeta

através de sua escrita têxtil e eidética (formal), novas leituras daquilo que se convencionou chamar moda, assim como das mais arraigadas e cristalizadas percepções. Deparar com a obra de Kawakubo equivale a re-descobrir o que se nem desconfiava existir sob as dobras do (in)visível de uma roupa em sua potência sígnica. (VIEIRA, 2007, p.5)

Assim, as peças de Kawakubo dobram-se sobre si mesmas, reiterando uma intertextualidade do próprio sistema sígnico da moda, o olhar é impelido a buscar algo que está na própria roupa, uma verdade característica centrada singularmente na peça. Há em seu trabalho a desconstrução do belo tradicional e sua redefinição.



Gehry apresenta semelhante vontade incontida de ressignificação na arquitetura. Ao romper com as linhas retas e duras do legado modernista europeu e sua influência na sociedade norte-americana, Frank Gehry implode conceitos extremamente arraigados e disciplinadores da arquitetura, estimulando um diálogo pós-moderno, onde o edifício supera sua mera funcionalidade. O seu projetar é o do artesão, que testa, prova, distende o objeto visando uma autenticidade que lhe confere vida e identidade; suas curvas e dobras definem um caráter de unicidade aos edifícios, que ratificam a ideia de um prédio-escultura, que se assenta único e sublime sobre o terreno.

O que se pretende enfatizar aqui é como dois profissionais, trabalhando sob estruturas sistêmicas diferentes – moda e arquitetura – traçam um caminho relativamente próximo na criação de seus produtos culturais. Ao pontuarmos o extenso trabalho de maquete de Gehry e a *moulage* de Kawakubo, objetivamos comprovar como a realidade contemporânea opera, permitindo que um mesmo modo de pensamento seja utilizado em duas disciplinas distintas. Nesta análise, deixemos o protagonismo até então assumido pelo corpo-moda e corpo-arquitetura, em prol de uma reflexão mais operacional, onde a modelagem experimental será o veículo de maior importância, o mecanismo sem o qual, no trabalho dos dois pensadores analisados, os produtos finais seriam impossíveis ou menos eficientes.

A arquitetura de Gehry é, em si, uma arquitetura de ensaio, onde o arqui-corpo é explorado em suas particularidades e possíveis desmembramentos. Sua criação é centrada em um empirismo formal que ativar a problemática das soluções, passando por um extenso caminho de descarte e seleção de métodos executivos. Popper (1997) defende o processo criativo como um problema pontual, que para ser solucionado deve estar submetido a um constante processo de tentativa e erro, de modo a se alcançar, através de um empirismo projetual, a solução mais adequada, isto após o descarte de possibilidades, que no regime de ensaios, mostraram-se insatisfatórias.

Logo, ao ensaiar seu corpo-arquitetura através da modelagem experimental, Gehry abre-se para um sem fim de possibilidades, onde o material de maquete pode ser amassado, cortado, colado, dobrado, rasgado, gerando uma massa compositiva

que seja mais ou menos interessante para suas premissas. É o momento em que o arquiteto atua como um artista.

A *moulage* – processo utilizado por Kawakubo – é uma técnica de modelagem tridimensional, que afasta-se da planificação tradicional, trabalhada bidimensionalmente. O tecido sai da mesa de trabalho e começa a ser moldado diretamente sobre um manequim. Ali ele é alfinetado, riscado, torcido. O *fait au moule* permite ao modelista explorar de forma mais efetiva as virtualidades do tecido, distanciando-o da produção machineísta da modelagem tradicional, ao destacar particularidades da peça vislumbradas de forma mais clara em sua volumetria. Ao lançar o tecido sobre o manequim, há a percepção mais integral do corpo como volume e massa em potencial, passível de rearranjos e reconstruções. (YAMASHITA, 2008)

Paralelamente ao *moulage*, a modelagem arquitetônica atua como uma vitrine do real. Ao se produzir em escala reduzida o objeto a ser construído, o arquiteto ensaia de forma mais clara as virtualidades e propriedades de seu corpo-invólucro. A maquete sugere-se de modo desprezioso, apresenta-se passiva, permite ao artista-arquiteto vislumbrar os efeitos de luz, os ângulos, a dramaticidade das texturas e das cores, o peso visual do edifício. É de certo modo uma reflexão projetual sobre a verdade do edifício; ao testar na microescala, o arquiteto apreende de forma mais correta a mensagem que será transmitida em uma macroescala.

Assim, tomando como objetos de estudo o projeto de Gehry para o Guggenheim de Bilbao e a coleção primavera/verão 1997 de Rei Kawakubo, pretende-se salientar as conjunturas comuns entre os métodos de criação dos dois pensadores e demonstrar as interfaces e horizontalidades presentes no processo de ambos, frisando, para tanto, a modelagem experimental como ponto tangente.

Em 1997, a *Comme des Garçons* lançou uma coleção que indaga as proporções do corpo, tonando-o, na visão mercadológica de moda, defeituoso, feio, deformado. As criações de Kawakubo questionam os significados parasitários normalmente atreladas à produção de moda, encenando um corpo tão distante às expectativas do belo que nos conclamam a uma inesgotável reflexão acerca da moda – vislumbrada como sistema de comunicação social e identitário – e seus signos como expressão da subjetividade contemporânea.



Volumes, corcovas e ancas são inseridos em pontos distintos das roupas em uma busca teórico-conceitual de ressignificação deste corpo, reivindicando sua constante atualização. Ao desconstruir as formas vistas como aceitas na imagética do corpo feminino, Kawakubo aborda também a “abolição” dos gêneros, ao entender o ser humano como ser social, seu interesse extrapola a iconografia do masculino e feminino em prol de um corpo liberto, envolto em sua casca de diferenciação, a roupa, isto é, o corpo-moda.

Sua criação distancia-se da lógica ocidental de ocultação e exibição do corpo, há a quebra de um composição corporal preconcebida e a inauguração de uma moda onde a vivência da roupa a transforma.

O principal interesse de seu desenho é a forma do vestuário. Kawakubo se priva, inclusive, do uso das cores, numa abstração em que libera todos os conceitos, focando-se assim no formato e caimento das roupas, em como o tecido responde ao usuário e o significa. Rei Kawakubo interessa-se por roupas que possam ser manipuladas pelo seu usuário/ativador, ao criar uma jaqueta com forro que pode ser desabotoado para ser usada como suéter, ou uma camiseta com luvas integradas, a criadora inclui a interferência do usuário, o qual tem um papel crucial na formatação final da peça. Para Sudjic (1990), a criadora de moda pretende liberar o corpo contemporâneo das formas tradicionais de vestir, discutindo potencialidades até então censuradas pelas formas convencionais.

A coleção primavera/verão 1997 (peça na Imagem 2) caracterizou-se pela inserção de chumaços em zonas insuspeitadas, criando volumes que “aleijam” o corpo vestido. Tecnicamente, Kawakubo debruçou-se sobre um primoroso trabalho de *moulage* experimental, que permeou toda sua pesquisa visual e processo criativo. Ao enxergar o corpo inerte do manequim como uma *tabula rasa*, aberto a uma remasterização de seus volumes, a estilista aproxima sua maneira de criar com a dos arquitetos modernistas, como Le Corbusier, a quem admira: é visível a influência de seu purismo formal, quase cirúrgico na forma como se lida com os princípios de texturas, peso e cor, propondo um novo equilíbrio visual proveniente da arquitetura modernista.

Imagem 2 - Peça da coleção primavera/verão 1997 de Rei Kawakubo para a *Comme des Garçons*.



Fonte: COMME DES GARÇONS. Disponível em: <<http://searchingforstyle.com/2010/03/comme-des-garcons-spring-summer-1997/>>. Acesso em: 12 mar. 2015.

O tecido lançado sobre o manequim apresenta-se informe, desprovido de vida e possibilidade comunicacional. As mãos de Kawakubo vão lentamente modelando e fixando matéria nos pontos que a interessam. A *moulage* feita vagorosamente permite ao criador experimentar, remodelar, pontuar zonas de tensão na peça, as possibilidades aparecem infinitas antes do objeto ser costurado e finalizado. O que vemos na obra de Rei Kawakubo é o resultado de um longo processo empírico, onde o corpo-moda é constantemente distendido, dilatado, até o momento obscuro da satisfação. A roupa é assim exaurida em suas possibilidades, é trabalhada como massa de modelar.

Seu icônico *Lace Sweater*, um suéter propositalmente esburacado, obtidos a partir do afrouxamento de parafusos da máquina, representa uma bandeira pelo fim da exigência de uma perfeição maquinal inalcançável.

Grand (1998, p.09) afirma que

O famoso pulôver preto furado, muitas vezes considerado a bandeira negra da anarquia, seria, melhor dizendo, o emblema de uma elegância diferente: aquela, confiante, dos bailarinos em exercício, das fotos de Marilyn usando um pulôver, de Jack Kerouac na estrada, de Pollock em seu ateliê, do free jazz, do Living Theatre, dos filmes de Jean-Luc Godard, daqueles que soltam os parafusos muito apertados das máquinas de tricotar ideias feitas.

O trabalho de Frank Gehry está intrinsecamente ligado à pesquisa formal e os elementos que a constituem: plástica, expressão, deformação e ressignificado são as variáveis de sua equação arquitetônica. Autor de uma arquitetura escultórica e emblemática, Gehry defende o objeto final como resultado das ações em



modelagem. Para o projeto do Museu Guggenheim de Bilbao, destinado a abrigar uma extensa coleção de arte europeia e americana do século XX, Gehry utilizou um conjunto de modelos de estudo produzidos sequencialmente a partir do desenrolar do projeto e alterações projetuais, que são experimentadas primeiramente no próprio modelo.

Seu estudo é iniciado em papelão, a semi-rigidez do material lhe confere flexibilidade para experimentar novos formatos, moldando-os diretamente com as mãos. Essa maquete preliminar funciona como um totem em potencial, ela norteia as discussões iniciais sobre o projeto e está passível de ser remodelada, recortada, colada constantemente, estirando grandemente suas possibilidades. De valor monetário irrisório, a maquete em papelão pode ser facilmente descartada caso o arquiteto decida tentar novas abordagens formais e arquiteturais. Sua presença surge atrelada a certa efemeridade, ela paira no sutil momento entre a validação e o descarte.

Imagem 3: Imagem do documentário *Esboços de Frank Gehry*, onde o arquiteto trabalha na modelagem de uma de suas maquetes.



Fonte: Imagem do documentário *Esboços de Frank Gehry* captada pelos autores.

Em um segundo momento, caso a maquete inicial em papelão seja considerada uma proposta plausível para o projeto, Gehry a executa em madeira. As características intrínsecas da madeira branda, que apresenta rigidez, mas ainda permite certa movimentação e corte, atua como um modelo de aspectos mais precisos. Nesse estágio, possibilidades construtivas são discutidas e profundos projetos de compatibilização entre o exterior escultórico e o interior funcional são realizados. É interessante perceber que, apesar da liberdade lírica com que projeta, Gehry é um profissional muito consciente das demandas comerciais, financeiras e técnicas para a execução de seus edifícios. Afirma que “Por definição, um edifício é

uma escultura, porque é um objeto tridimensional [...] o verdadeiro milagre não é projetar os edifícios [...] o milagre é conseguir que se construa.”⁷

Sua modelagem experimental progride com os avanços de seu apuro estético e formal. A cada maquete executada, o nível de precisão torna-se mais evidente e o processo de modelagem mais engessado. Cada novo modelo gerado confirma a certeza do arquiteto em suas escolhas compositivas a partir da modelagem inicial. O poliuretano resistente e cortado a laser talvez seja um dos últimos modelos a serem executados, atuando como um aparato que comprove o caráter assertivo de seu processo.

Não abordou-se, aqui, os complexos processos de leitura e criação do edifício (experimentado formalmente em modelo), a partir das plataformas e programas virtuais de projeto. As informações recolhidas da maquete, com o auxílio de um scanner mecânico 3D são, por fim, transmitidas através de engenharia reversa para o software aeroespacial CATIA⁸, para que seja desenvolvido e concluído. Vê-se assim que, apesar da complexidade técnica de desenho e execução, o arquiteto ainda enxerga e explora a modelagem manual experimental como um poderoso e importante mecanismo de estudo para produção de sua arte. O corpo-arquitetura de Gehry não nasce de uma interface computacional, ele migra para ela após e/ou paralelamente à sua criação poética. (POPPER, 1997)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A modelagem experimental aparece, assim, de modo bastante confortável para ambos os pesquisadores visuais. Kawakubo veste o corpo uno, nu, e o transmuta em corpo-moda inovador. Gehry, por sua vez, estabelece uma profunda poética do indivíduo com a arquitetura que o abriga, este invólucro existencial que ao abraçar uma infinidade de corpos unos torna-se teatro da vida, e é corpo-arquitetura. Tais resultados formais, cujos processos centram-se na modelagem como mecanismo de criação, conformam uma importante base visual que nos

⁷ GEHRY, Frank, citado por Cesar Caicoya, em Arcuedos Formales, Arquitetura Viva nº 55 jul-ago 1997.

⁸ Software da indústria aeroespacial adaptado para leitura de códigos arquitetônicos, a partir da necessidade de Gehry, pois os softwares tradicionais da arquitetura são limitados para a complexidade projetual dele.



permite lançar um olhar sobre os desdobramentos e vivências da vida contemporânea.

A possível aproximação entre arte e arquitetura e arte e moda aqui analisados a partir de seu método de criação, a modelagem, nos permite angariar embasamento para compreender as complexas relações culturais da vida cotidiana, de uma realidade que é a cada dia menos unísona e sistêmica para se tornar continuamente polissêmica e reverberante. Arquitetura e moda saem de seus patamares individuais e lançam-se sobre um caldeirão multicultural onde suas vozes, antes individualizadas, podem soar concomitantemente.

FASHION-BODY AND ARCHITECTURAL-BODY: EXPERIMENTAL MODELING AS PROCESS IN REI KAWAKUBO AND FRANK GEHRY

ABSTRACT

The Japanese fashion designer Rei Kawakubo reshapes the body deconstructing predictable forms of western female and male clothing. The Canadian architect Frank Gehry also executes a deconstruction in his creations, breaking with the traditional architecture construction system, promoting a split between the shape and the internal functionality of buildings. Kawakubo and Gehry dress the human body in distinct dimensions. The fashion designer proposes a sculptural wrapping at the same time, protects and reconstructs the body. The architect houses the human body in extremely functional buildings, inside, and playful, sculptural, outside. Both adopt the modeling as process for their original creation.

Keywords: Architecture. Fashion. Frank Gehry. Rei Kawakubo. Modeling.

REFERÊNCIAS

BIRD, Michael. **100 ideias que mudaram a arte**. São Paulo: Rosari, 2012.

BRAGA, João. **História da Moda**. 8. ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2009.

BRAGA, João. Arte e moda conceituais. In: BRAGA, João; NUNES, Mônica (org.). **Reflexões sobre moda, volume III**. 2. ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2008. p. 55-59.

CAICOYA, Cesar. Acuerdos Formales. **Arquitectura Viva**, Madri, v.1, n.55, p.32-37, jul-ago. 1997.

CALLAN, Georgina O'Hara. **Enciclopédia da Moda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ESBOÇOS de Frank Gehry. Direção: Sydney Pollack. Elenco: Frank Gehry; Chuck Arnoldi; Sydney Pollack; Edward Ruscha; Mildred Friedman; Michael Ovitz; Philip Johnson; Craig Webb; Dennis Hopper; Charles Jenks. Roteiro: Frank Gehry; Sydney Pollack; Julian Schnabel. Sony Pictures, 2005. 01 CD (83 min), son. Color; DVD.

GRAND, France. **Comme des Garçons**. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

LEMONIER, Aurelien; MIGAYROU, Frederic (Org.). **Frank Gehry**. Paris: Ed. Centre George Pompidou, 2014.

PALOMO-LOVINSKI, Noël. **Os estilistas de moda mais influentes do mundo: a história e a influência dos eternos ícones da moda**. Barueri, SP: Girassol, 2010.

POPPER, Karl. **Toute vie est resolution de problems**. Paris: Actes Sud, 1997.

STUNGO, Naomi. **Frank Gehry**. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

SUDJIC, Deyan. **Rei Kawakubo and Comme des Garçons**. Nova Iorque: Rizzoli International Publications, 1990.

VIEIRA, Marco Antônio. **O Corpo Indecidível: Apontamentos sobre a Imagem e Referencialidade na Moda Contemporânea**. Anais do 3º Colóquio de Moda GT07, São Paulo, 2007.

YAMASHITA, Yaeko. **A moulage como processo criativo do estilista contemporâneo**. Anais do 4º Colóquio de Moda, São Paulo, 2008.